



UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CENTRO DE EDUCAÇÃO, HUMANIDADES E SAÚDE DE TOCANTINÓPOLIS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

EDIVAN KREAMZU XERENTE

**ESPORTE, MEMÓRIA E CULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
DOS JOGOS INDÍGENAS XERENTE**

TOCANTINÓPOLIS/TO
2025

EDIVAN KREAMZU XERENTE

**ESPORTE, MEMÓRIA E CULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA
DOS JOGOS INDÍGENAS XERENTE**

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza

TOCANTINÓPOLIS/TO
2025

<https://sistemas.ufnt.edu.br/ficha-catalografica/ficha/>

ELABORADA SOMENTE APÓS AS CORREÇÕES SUGERIDAS PELA BANCA EXAMINADORA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Geração de Ficha Catalográfica SGFC-UFNT

Gerado automaticamente mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

K92e KREAMZU XERENTE, EDIVAN .
ESPORTE, MEMÓRIA E CULTURA: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA DOS JOGOS INDÍGENAS XERENTE / EDIVAN
KREAMZU XERENTE. - Centro de Educação, Humanidades e Saúde
- CEHS, TO, 2025.
24 f.

Artigo de Graduação (Graduação - em Educação Física
Licenciatura) -- Universidade Federal do Norte do Tocantins, 2025.

Orientador: Adriano Lopes de Souza.

1. Jogos Tradicionais Indígenas. 2. Educação Física. 3. Cultura
Xerente.

CDD 613.707

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Esta página é reservada para inclusão da folha de aprovação, a ser disponibilizada pela Secretaria do Curso para coleta da assinatura no ato da defesa.

Edivan Kreamzu Xerente

ESPORTE, MEMÓRIA E CULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS JOGOS TRADICIONAIS INDÍGENAS XERENTE

Artigo avaliado e apresentado à UFNT – Universidade Federal do Norte do Tocantins – Centro de Educação, Humanidades e Saúde de Tocantinópolis, Curso de Licenciatura em Educação Física para obtenção do título de graduação e aprovado em sua forma final pelo (a) Orientador(a) e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 06 /12 /2025

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Adriano Lopes de Souza, UFNT

Profa. Dra. Milena Pedro de Moraes, UFNT

Profa. Dra. Marilene Soares da Silva, UFNT

TOCANTINÓPOLIS/TO
2025

Dedico este trabalho a minha família, ao meu povo Akwē e, em especial, a todos os meus professores.

ÏPKË TO NÃ ÏSIWASKUZE

Kãhã hêsuka wa dawanã snã wazatô ïpkê to nã ïsiwasku Waptokwa zawre damã, tô aimõ dat krĩ waihã psê mnõ zem hawi, aimõ tâkãhã hêsuka nã hã romkmãdã ït kmã kahõs psê mnõ nme Universidade UFNT, wamhã. Twa waza tô dure ïpkê to nã ïsiwasku ïnĩm Akwê nõrai ãmã, katô kbure Akwê nõrai mã. Kãnmê waza dure ïpkê to nã ïsiwasku ïnĩm pikõĩ mã Sekwahidi ãmã, kãtô dure ïkra mã Sinõskedi. Iptokwai mã izeparkwai mã, kãtô izdekwei nõri, kãtô ihidba nõri, tô kbure snã. Tô kbure Izakmõ nõri, asimhi nõri.

Kãnmê waza dure ïpkê to nã ïsiwasku, kbure rowahtukwai nõrai mã, tâkãhã Curso wamhã Educação Física, wamhã. Are tâkãhã hêsuka nã rokmãdkã it krekrda nãhã waza tô aimõ tô nme isiwasku rowahtukwai mã aimõ tĩ waikã pê, aimõ it kuikre nãhã waza tô damã Ïpke to zawre nã isiwasku tmã: Adriano Lopes, ãmã tenharêê rowahtukwa. Kãnmê waza dure ïpkê to nã ïsiwasku Akwê nõrai mã ïzakrui si Kripre wam hã, tô kbure mã tenharêê.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por tudo que me concedeu durante a realização deste trabalho. Agradeço, principalmente, ao professor, orientador e coordenador do Curso de Educação Física, Adriano Lopes de Souza. À minha esposa Suely Sekwahidi Xerente, mãe da nossa primôgenita Hadassa Sinõkedi. Aos meus queridos pais, Senhor Pedro Warõ Xerente e a Senhora Madalena Nãmnãdi Xerente. Quero agradecer também aos meus irmãos e irmãs pelo incentivo e apoio para concluir esse curso e aos meus cunhados e cunhadas.

Agradeço a todos que contribuíram e fizeram parte da minha formação durante os meus estudos no curso de Educação Física, direta ou indiretamente, e à comunidade da Aldeia Salto Kripre, obrigado.

SUMÁRIO

RESUMO	9
ABSTRACT	9
1 INTRODUÇÃO	10
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS	11
3 CONTEXTUALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA	12
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23

ESPORTE, MEMÓRIA E CULTURA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DOS JOGOS INDÍGENAS XERENTE

Edivan Kreamzu Xerente¹,

Adriano Lopes de Souza²

RESUMO

O presente relato de experiência descreve a organização e realização da 1ª edição dos Jogos Tradicionais Indígenas do povo Xerente (JIX), ocorrida entre 14 e 16 de julho de 2023, na Aldeia Salto Kripre, município de Tocantínia-TO. Essa iniciativa partiu do nosso propósito, enquanto pesquisador indígena, em parceria com a Diretoria de Esporte da comunidade, de valorizar e revitalizar as práticas corporais tradicionais indígenas. O evento contou com quatro modalidades principais (arco e flecha, corrida da tora, cabo de força e corrida de revezamento 4x100m) e integrou diferentes gerações da aldeia em momentos de convivência, celebração e aprendizado. A metodologia adotada baseou-se na narrativa autobiográfica, reconhecendo a experiência vivida como fonte legítima de produção de conhecimento e de resistência cultural. Os resultados evidenciam o papel dos jogos tradicionais como instrumentos de fortalecimento identitário, educação intercultural e preservação dos saberes ancestrais, contribuindo para a valorização das práticas corporais indígenas no campo da Educação Física.

Palavras-chaves: Jogos Tradicionais Indígenas; Educação Física; Cultura Xerente.

SPORT, MEMORY AND CULTURE: AN EXPERIENCE REPORT ON THE XERENTE INDIGENOUS GAMES

ABSTRACT

This experience report describes the organization and execution of the first edition of the Xerente People's Traditional Indigenous Games (JIX), held from July 14 to 16, 2023, in the Salto Kripre Village, located in the municipality of Tocantínia, Tocantins, Brazil. This initiative emerged from our purpose, as an Indigenous researcher in partnership with the community's Sports Directorate, to value and revitalize traditional Indigenous bodily practices. The event featured four main modalities (archery, log race, tug-of-war, and 4x100m relay race) and brought together different generations of the village in moments of interaction, celebration, and learning. The methodology adopted was based on autobiographical narrative, recognizing lived experience as a legitimate source of knowledge production and cultural resistance. The results highlight the role of traditional games as instruments for strengthening identity, promoting intercultural education, and preserving ancestral knowledge, thereby contributing to the recognition of Indigenous bodily practices within the field of Physical Education.

Keywords: Traditional Indigenous Games; Physical Education; Xerente Culture.

¹ UFNT/edivan.xerent@ufnt.edu.br

² UFNT/adriano.souza@ufnt.edu.br

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, a Constituição Federal de 1988, em seu artigo 217, estabelece que é dever do Estado fomentar práticas esportivas formais e não formais, reconhecendo o esporte como direito de todos e incentivando manifestações de criação nacional (BRASIL, 1988). Nesse sentido, compreende-se que os jogos tradicionais indígenas devem ser promovidos como práticas de valor cultural e esportivo, cuja preservação e difusão se alinham às políticas de promoção da diversidade cultural.

As práticas corporais e os jogos tradicionais indígenas constituem expressões que transcendem o caráter lúdico e competitivo, funcionando como instrumentos de transmissão de saberes, fortalecimento da identidade e integração comunitária (Darido; Rangel, 2018; Baniwa, 2006). Eles carregam dimensões simbólicas e históricas que resistem à hegemonia dos esportes ocidentais e precisam ser reconhecidas como parte do patrimônio cultural imaterial (UNESCO, 2003).

No Brasil, alguns estudos na área da Educação Física apontam para a necessidade de incluir práticas corporais indígenas em currículos e pesquisas, ampliando a noção de esporte e jogo para além do modelo eurocêntrico (Coletivo de Autores, 1992; Kunz, 1994; Ferreira Neto, 2015). Ao mesmo tempo, pesquisadores indígenas destacam o caráter político e educativo desses eventos, que reafirmam a autonomia cultural e fortalecem a juventude frente a processos de apagamento (Krenak, 2019; Silva, 2020).

No caso do povo Xerente³, por exemplo, cujo território localiza-se na margem direita do rio Tocantins, a cerca de 70 km de Palmas-TO, as práticas corporais tradicionais (como a corrida da tora, o arco e flecha e outras expressões) constituem elementos centrais de sua identidade e organização sociocultural. Contudo, em função das transformações sociopolíticas e das pressões externas que incidem sobre os povos originários, tais práticas têm sido vivenciadas, predominantemente, em contextos rituais ou festivos, com menor presença no cotidiano comunitário e sem espaços contínuos de valorização e transmissão. Nesse cenário, a ausência de iniciativas sistematizadas que reunissem a comunidade em torno de seus jogos tradicionais configurou-se como o principal motivo para a realização dos Jogos Indígenas Xerente (JIX), reafirmando o protagonismo e a vitalidade da cultura corporal indígena na contemporaneidade

³ A título de informação, cumpre-nos destacar que o povo Xerente se autodenomina como “Akwẽ”, termo correlato a sua língua do tronco Macro-Jê, que significa “povo importante”. Todavia, a denominação “Xerente” é a mais usual, sendo já consolidada em registros históricos e oficiais.

Diante disso, o presente estudo emergiu com o objetivo de relatar a experiência da realização da 1ª edição dos JIX, destacando seu valor cultural, educativo e comunitário. Este empreendimento investigativo justifica-se pela necessidade de dar visibilidade às práticas corporais indígenas como formas de resistência cultural, promoção de esporte e saúde, bem como fortalecimento da identidade do povo Xerente, contribuindo para que a Educação Física e o campo acadêmico reconheçam e valorizem o protagonismo indígena em sua pluralidade de manifestações corporais. Assim, após contextualizar a relevância sociocultural do evento, apresentamos, a seguir, os caminhos metodológicos que orientaram a construção deste relato de experiência.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência, modalidade de pesquisa que busca sistematizar e refletir sobre vivências concretas, articulando experiência, lugar de fala e contexto histórico a um arcabouço teórico que legitima a experiência como produção científica (Daltro; Faria, 2019). Essa abordagem é especialmente significativa no estudo de práticas culturais indígenas, pois permite que as próprias comunidades registrem e interpretem suas vivências, fortalecendo a visibilidade e valorização dos saberes tradicionais.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, visto que está voltada para a compreensão de processos, significados e contextos, em detrimento da quantificação de dados (Flick, 2009). Ora, tal enfoque mostra-se adequado por reconhecer que os jogos tradicionais indígenas expressam dimensões simbólicas, espirituais e coletivas que não podem ser traduzidas em métricas numéricas, exigindo uma leitura sensível às relações culturais e comunitárias.

A sistematização do estudo fundamenta-se na narrativa autobiográfica, compreendida como uma forma de construir conhecimento a partir da experiência pessoal do autor (Clandinin; Connelly, 2011). Neste caso, o relato foi elaborado pelo próprio pesquisador e organizador do evento, pertencente ao povo Xerente, assegurando centralidade à sua voz e à sua perspectiva. Essa escolha metodológica dialoga com os princípios decoloniais de pesquisa, que buscam romper com o silenciamento histórico das populações indígenas na produção do conhecimento (Smith, 2018).

A experiência ocorreu entre 14 e 16 de julho de 2023, na Aldeia Salto Kripre, em Tocantínia–TO, e envolveu quatro modalidades: Cabo de Força, Corrida de Revezamento

4x100m, Corrida da Tora e Arco e Flecha. O evento também integrou momentos de danças, cânticos e pinturas corporais tradicionais, os quais ampliaram sua dimensão cultural e comunitária. Dessa forma, a metodologia adotada não apenas descreve o desenvolvimento do evento, mas reafirma a legitimidade dos jogos tradicionais indígenas como práticas culturais e esportivas de relevante valor histórico, educativo e social.

3. CONTEXTUALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A 1ª edição dos JIX foi idealizada pelo pesquisador e estudante indígena do curso de Educação Física da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), em parceria com a Diretoria de Esporte da Aldeia Salto Kripre, no município de Tocantínia-TO. O projeto teve como propósito central resgatar e valorizar as práticas esportivas tradicionais, favorecendo o intercâmbio entre comunidades e fortalecendo a identidade cultural do povo Xerente. Destaca-se que o apoio da Diretoria de Esporte, somado à colaboração de professores, universitários, jovens e anciãos, foi decisivo para a concretização do evento, que se consolidou como uma experiência formativa, comunitária e culturalmente significativa.

A seleção das quatro modalidades disputadas no JIX resultou de sua reconhecida relevância cultural, identificada a partir de diálogos com três anciãos da comunidade indígena Xerente. Esses anciãos desempenham a função de transmitir os conhecimentos herdados de seus antepassados, preservando a memória coletiva e fortalecendo a identidade cultural do povo. Cada um deles constitui, portanto, um pilar essencial para a continuidade das tradições e para a orientação das gerações futuras. Como se observa a seguir, os anciãos compartilharam as origens, as histórias e os significados associados a essas práticas tradicionais.

Arco e Flecha

De acordo com o primeiro ancião, o Arco e Flecha tem origem em uma narrativa ancestral transmitida oralmente entre os Xerentes. Conta-se que Sôkrêmsukwa, tio de uma jovem, confeccionou um arco, uma flecha e uma borduna como presente para o genro, dizendo que ele deveria cuidar da sobrinha. O arco e a flecha serviriam para caçar e pescar, enquanto a borduna seria usada para proteger a família.

Tradicionalmente, o Arco e flecha era utilizado para caça e pesca, atividades fundamentais para a subsistência. Atualmente, a prática integra competições esportivas e apresentações culturais, mantendo-se viva como símbolo de identidade, habilidade artesanal e continuidade dos saberes ancestrais.

Corrida de Tora

Conforme menciona o segundo ancião, a Corrida da Tora tem origem em uma narrativa mítica relacionada ao tatu-canastra, ser que revelou ao povo Xerente o ritual e a corrida com a tora de buriti. Conta-se que um caçador, ao tentar capturar o tatu, viu o animal se transformar em um homem que o convidou para uma festa em outra aldeia. Nessa jornada, o tatu-homem mostrou ao caçador o local onde as toras eram cortadas e os cânticos entoados. Ao retornar, o caçador transmitiu o que havia aprendido, dando origem à prática.

Desde então, a Corrida de tora tornou-se uma das principais manifestações esportivas e espirituais do povo Xerente, realizada em festividades tradicionais com cantos rituais e forte simbolismo de força, união e ancestralidade.

Cabo de Força (Wdênrō krdasikwani mnōze)

O terceiro ancião, por sua vez, explica que o Cabo de Força não integrava originalmente as práticas do povo Xerente, tendo sido incorporado ao longo do tempo, sobretudo em decorrência da participação da comunidade em eventos indígenas de caráter intercultural. No passado, a ausência de cordas e de materiais adequados limitava a realização dessa atividade; contudo, na atualidade, o jogo tornou-se amplamente difundido em escolas e festividades locais, como o *Dasipê*, que é concebido como uma espécie de biblioteca cultural que reúne jogos, brincadeiras, pinturas, cantorias e danças. Nesses contextos, o Cabo de Força promove integração comunitária, cooperação e um espírito competitivo saudável.

Corrida de Flecha (Tki nã Dawra)

Conforme relata o terceiro ancião, a Corrida de Flecha constitui uma prática tradicional do povo Xerente desde tempos antigos. Desde a infância, as crianças são iniciadas na habilidade de correr com a flecha, desenvolvendo técnica, equilíbrio e resistência. Essa

modalidade integra diversas festividades, especialmente o *Dasipê*, e simboliza a continuidade cultural, bem como a força física e espiritual das novas gerações.

Dessa maneira, os JIX reafirmaram a relevância dessas práticas como expressões vivas da cultura Xerente, promovendo um importante diálogo entre tradição e juventude, passado e presente, em um ambiente marcado por aspectos como celebração, aprendizado e resistência cultural.

Participantes dos JIX

A realização da 1ª edição dos JIX representou um marco histórico e cultural para a comunidade da Aldeia Salto Kripre, reunindo diferentes gerações em torno do esporte, da cultura e da valorização das práticas corporais tradicionais. O evento contou com a participação de quatro equipes masculinas – Universitários, Servidores, Jovens (Wapte) e Lideranças – organizadas de forma equilibrada quanto à idade, força física e habilidades específicas, reforçando o espírito comunitário e cooperativo.

A equipe dos Universitários foi composta por 16 acadêmicos indígenas Xerente, matriculados em instituições de ensino superior do Tocantins: Universidade Federal do Tocantins (UFT) – campi de Palmas, Porto Nacional e Miracema – e Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT) – campi de Araguaína e Tocantinópolis. Na UFT, havia discentes dos cursos de História (3), Geografia (2), Filosofia (5), Pedagogia (3) e Artes (1); na UFNT, estudantes de Matemática (1), Química (1) e Educação Física (1). Essa equipe representou a juventude acadêmica indígena, articulando o conhecimento universitário ao compromisso de fortalecer as tradições do povo Xerente.

A equipe dos Servidores reuniu 14 participantes, entre professores, profissionais da saúde e funcionários da escola indígena da aldeia. Os docentes, de diversas áreas – Língua Portuguesa, Matemática, História, Geografia, Física, Arte, Filosofia, Sociologia, Inglês e Espanhol – somaram nove integrantes, acompanhados por três vigias escolares e dois profissionais da saúde, cuja presença reforçou o caráter educativo, cooperativo e comunitário do evento.

A equipe dos Wapte foi composta por 16 jovens com idades entre 16 e 25 anos, representando a força, a energia e a continuidade das tradições. Para muitos deles, esta foi a primeira participação em um evento cultural dessa dimensão, o que tornou a experiência profundamente significativa e inspiradora.

A equipe das Lideranças contou com 17 participantes, formados por adultos a partir de 25 anos, incluindo anciãos e representantes comunitários. Essa equipe simbolizou a sabedoria e a experiência dos mais velhos, fortalecendo o diálogo intergeracional e a transmissão de valores culturais.

No total, participaram 63 homens, representando diferentes faixas etárias e papéis sociais na comunidade. Não obstante, também é importante destacar a participação das mulheres, que também tiveram papel expressivo no evento. Embora não tenham formado quatro equipes completas como os homens, elas competiram em duas modalidades – Corrida da Tora e Cabo de Força –, organizadas em duas equipes femininas: Solteiras e Casadas, com 13 e 15 participantes, respectivamente, totalizando 28 participantes.

Com efeito, a presença feminina nos JIX constituiu um marco de valorização e protagonismo das mulheres nas práticas corporais tradicionais da comunidade, expressando a alegria, coragem e força simbólica das mulheres Xerente nas práticas corporais tradicionais e na vida comunitária.

Sobre as modalidades disputadas

Os JIX foram estruturados de forma coletiva e democrática, prezando pelo equilíbrio físico e técnico entre os participantes. Cada equipe participou de todas as modalidades, conforme os critérios estabelecidos pela organização: (1) Corrida de Tora: cada equipe selecionou dez corredores responsáveis por carregar e revezar a tora, exigindo força, resistência e cooperação; (2) Corrida de Revezamento 4x100 metros: participaram quatro integrantes de cada equipe, escolhidos por sua agilidade e velocidade; (3) Cabo de Força: participaram de integrantes por equipe, organizados estrategicamente em fila, equilibrando os atletas mais fortes nas extremidades da corda; (4) Disputa de Arco e Flecha: cada equipe indicou dois arqueiros, geralmente aqueles com maior precisão e coordenação motora.

A adoção do sistema de rodízio garantiu a participação inclusiva de todos os membros das equipes. Os competidores que atuavam em modalidades mais intensas, como a Corrida da Tora, podiam descansar na prova seguinte, reforçando o espírito comunitário e colaborativo do evento.

As atividades ocorreram entre os dias 14 e 16 de julho de 2023, na Aldeia Salto Kripre, município de Tocantínia–TO. As disputas matutinas (das 8h às 10h) foram dedicadas ao Arco e Flecha, enquanto as provas vespertinas (das 16h às 18h30) concentraram as modalidades de Corrida da Tora, Cabo de Força e Corrida de Revezamento 4x100m.

Todas as provas foram realizadas no campo central da aldeia, com largada no pátio principal e revezamentos nas extremidades. As corridas consistiam em duas voltas completas, exigindo sincronia e cooperação entre os participantes – especialmente na Corrida da Tora, em que a técnica e a força precisavam estar em perfeita harmonia.

Ao final de cada dia, as competições eram encerradas com cantorias e danças tradicionais Xerente, reforçando a preservação do amplo acervo cultural dos povos originários. Nesse sentido, destaca-se que a suposta aculturação dos povos indígenas constitui um mito produzido pelo pensamento moderno-colonial, sustentado por preconceitos e pela limitada compreensão acerca da profundidade e da complexidade das culturas indígenas (Silva; Gonçalves, 2017). Longe de se dissiparem, essas práticas revelam a capacidade de resistência, recriação e fortalecimento identitário das comunidades, reafirmando a continuidade e a vitalidade das tradições ancestrais na contemporaneidade.

Sistema de Pontuação e Classificação

Cada equipe teve três oportunidades de disputa, somando três pontos por vitória nas modalidades principais (Corrida de tora, Corrida de revezamento 4x100m e Cabo de força). As duas equipes com maior pontuação geral avançaram para as finais. Na modalidade de Arco e Flecha, os arqueiros acumulavam pontos ao acertar o alvo em formato de peixe, símbolo tradicional do povo Xerente. Os três melhores arqueiros se classificaram para a final, na qual disputaram o título individual da categoria.

A seguir, apresentam-se as particularidades e vivências específicas de cada modalidade, evidenciando o entrelaçamento entre esporte, cultura e ancestralidade no contexto dos JIX. Essa abordagem permite compreender como tais práticas fortalecem os vínculos comunitários e promovem o orgulho identitário entre os participantes.

Arco e Flecha

O Arco e flecha é inspirado na caça tradicional, especialmente entre povos que dependem da pesca como forma de subsistência, simbolizando a precisão e concentração do guerreiro-caçador. Trata-se de artefatos sagrados para os povos originários, de tal modo que se costuma colocar junto ao recém-nascido do sexo masculino um “[...] pequeno arco e algumas flechas, para que a criança se torne valente e disposta a guerrear os inimigos” (Melatti, 1993, p. 121).

Um total de oito arqueiros foram escolhidos por suas equipes para disputar esta modalidade. Cada grupo indicou seus representantes com base em critérios de habilidade, precisão e experiência. O objetivo era acertar o alvo em formato de peixe tambaqui, denominado “waikwaka” na língua Xerente, confeccionado em isopor e madeira, com marcações de 5 a 45 pontos que indicavam as áreas de pontuação, tal como ilustrado abaixo.

Imagem 1 - Alvo em formato de peixe tambaqui



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O alvo foi confeccionado em isopor e madeira, pendurado em suporte firme, fixado a cerca de 30 metros de distância dos arqueiros, a partir de uma linha de demarcação onde cada arqueiro deveria se posicionar (Imagem 2), garantindo igualdade nas condições de disputa e segurança entre os participantes.

Imagem 2 – Arqueiros posicionados na linha demarcatória



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A atividade exigiu coordenação motora, concentração, autocontrole e observância às normas de segurança. Cada acerto foi registrado individualmente e, ao término da fase classificatória, os três arqueiros com melhor pontuação avançaram para a final. Cada participante realizou três disparos, sendo declarado vencedor aquele que obteve a maior pontuação acumulada.

Essa modalidade evidenciou o significado simbólico do arco e flecha como instrumento de sabedoria, paciência e habilidade, reafirmando a herança cultural do povo Xerente. Ademais, demonstrou o valor da solidariedade e da cooperação no contexto comunitário, uma vez que, durante a competição, observou-se que muitos participantes não possuíam seus próprios equipamentos, tornando comum o empréstimo de arcos e flechas entre integrantes de equipes adversárias.

Conforme destaca Baniwa (2006), a vida comunitária indígena fundamenta-se na reciprocidade, isto é, uma relação de troca e cuidado que abrange dimensões materiais, emocionais e espirituais. Com efeito, trabalho, produção e consumo são organizados coletivamente, de tal modo que o êxito individual representa também o êxito do grupo. Esta sistemática contrasta com o individualismo característico da sociedade ocidental. Assim, o autor evidencia que a solidariedade constitui um valor estruturante da organização social indígena.

Corrida de Tora

A Corrida de Tora é uma competição realizada em duplas ou em formato de revezamento, na qual os participantes percorrem um trajeto de aproximadamente 50 a 100 metros carregando toras de madeira com peso entre 70 e 80 quilos (Imagem 3). Trata-se de uma prova que exige não apenas força e resistência física, mas também técnica e sincronia entre os integrantes da equipe.

Conforme assinalam Silva e Possas (2016), a Corrida de Tora expressa uma experiência visual singular da cultura, perceptível na poeira levantada pelos pés dos corredores na terra batida, no contato direto dos corpos com as toras aquecidas pelo sol e nos elementos sensoriais que envolvem vento, cheiros da mata e vibração coletiva. Esses aspectos evidenciam que a prova transcende a dimensão esportiva, constituindo-se como manifestação estética, simbólica e profundamente enraizada na tradição Xerente.

Imagem 3 – Corrida de Tora masculina



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No contexto dos JIX, a Corrida de Tora simbolizou a união e a resistência do povo Xerente, expressando a força espiritual e coletiva da aldeia. A modalidade também contou com a participação de mulheres indígenas, organizadas em equipes de solteiras e de casadas, conforme ilustrado na imagem abaixo. Essa inclusão reforça o caráter comunitário da prática na preservação e dinamização das tradições culturais.

Imagem 4 - Corrida de Tora feminina, dividida entre Solteiras e Casadas.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

No primeiro dia de competição, a equipe das Casadas conquistou a vitória; no segundo dia, o destaque foi das Solteiras; e, na soma geral dos resultados, o título retornou às Casadas. Nessa prova, para além da força física, evidenciou-se a centralidade da técnica no ato de segurar e repassar a tora, demonstrando a cooperação, a coordenação e a harmonia entre as participantes.

Cabo de Força

Também conhecido como “Cabo de Guerra”, essa modalidade é tradicional em diversos jogos indígenas realizados em diferentes regiões do Brasil. Embora também seja conhecida em contextos não indígenas, entre os povos originários ela assume um significado simbólico e cultural mais profundo do que uma simples disputa de força física, exigindo a união de elementos como estratégia, disciplina, cooperação e equilíbrio. Aqui, cada participante precisa atuar em conjunto com os demais, refletindo a própria lógica das sociedades indígenas, nas quais o bem-estar comunitário está acima das conquistas pessoais (Baniwa, 2006).

No contexto dos JIX, foram realizadas disputas tanto na categoria masculina, quanto feminina (Imagem 5). Cada equipe era composta por dez participantes, posicionados em lados opostos de uma corda, tendo uma fita central como marca de delimitação. Sagrou-se vencedora, em cada categoria, a equipe que conseguiu puxar o grupo adversário para o seu lado.

Imagem 5 – Disputa do Cabo de Força (masculino e feminino).



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Além do engajamento dos atletas em cada categoria, destaca-se, na imagem acima, a participação da comunidade: formada por crianças, jovens e anciãos que acompanhavam e torciam por seus atletas. Esse aspecto confirma a observação de Vinha (2004) sobre os Jogos dos Povos Indígenas de 2001, nos quais o Cabo de Guerra se sobressaiu como uma das competições de maior prestígio e expectativa, despertando grande interesse tanto entre os participantes indígenas quanto entre o público espectador.

Corrida de Revezamento 4x100m

Considerada uma das modalidades mais conhecidas do atletismo, a Corrida de Revezamento 4x100m foi inserida nos Jogos Olímpicos em 1912 e foi realizada nos JIX na categoria masculina (Imagem 6). Essa prova simboliza a velocidade, resistência e cooperação, qualidades essenciais para o povo Xerente, que historicamente utiliza a corrida como forma de treinamento para caça, pesca e rituais.

As linhas de partida e chegada foram demarcadas com cal, e o revezamento foi feito com um pedaço de bambu ou flecha, em substituição ao bastão oficial, conferindo identidade cultural à prática. Cada equipe teve quatro corredores, de modo que cada um deveria percorrer 100 metros rasos, totalizando 400 metros por equipe. A vitória foi concedida à equipe que completou o percurso primeiro, sem perder o objeto de revezamento e respeitando as zonas de troca.

Imagem 6 - Corrida de revezamento 4x100m



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Essa modalidade reafirmou valores ancestrais, saberes tradicionais e o protagonismo cultural do povo Xerente, evidenciando princípios como a cooperação e o respeito às regras, ao mesmo tempo em que simboliza a força e a resistência coletiva da comunidade. Sua prática – assim como as demais manifestações esportivas – desempenha um papel pedagógico fundamental, ao fortalecer tradições e promover o sentimento de pertencimento coletivo.

Conforme, destaca, Pereira (2021), as práticas corporais indígenas configuram-se como uma proposta pedagógica intencional, política e decolonial, por reafirmarem a diversidade e a continuidade dos povos originários no Brasil em contraposição aos modelos eurocêntricos de esporte e jogo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização da 1ª edição dos JIX, na Aldeia Salto Kripre, demonstrou, na prática, a importância da integração comunitária. O evento possibilitou o encontro entre gerações, o fortalecimento da identidade cultural Xerente (Akwẽ) e o intercâmbio de saberes entre os envolvidos direta ou indiretamente. Além disso, a vivência das modalidades – Arco e flecha, Corrida da tora, Cabo de força e Corrida de revezamento – proporcionou aos participantes uma reflexão profunda sobre o valor da coletividade, do respeito e da resistência física e espiritual do povo Xerente.

Organizar os Jogos Tradicionais constituiu uma experiência intensa e profundamente transformadora. Tornou-se evidente que esses jogos ultrapassam a dimensão competitiva, configurando-se como importantes ferramentas de educação, preservação cultural e integração comunitária. A convivência direta com jovens, anciãos e famílias possibilitou compreender, de forma mais ampla, como as práticas corporais atuam como instrumentos de resistência cultural, reafirmação identitária e fortalecimento das tradições que sustentam a vida coletiva.

Foi gratificante observar a alegria e o orgulho dos participantes, perceber o envolvimento coletivo e constatar que, mesmo diante de desafios logísticos, a união e o compromisso com a tradição foram determinantes para o êxito do evento. Essa experiência evidencia o potencial dos jogos tradicionais indígenas como práticas educativas e formativas, contribuindo para o fortalecimento da cultura Xerente e inspirando a continuidade dessas atividades em edições futuras.

Dessa forma, este estudo reafirma a relevância de resgatar e valorizar as práticas corporais tradicionais indígenas, tanto como forma de preservação cultural das comunidades originárias quanto como instrumentos pedagógicos significativos no processo de ensino-aprendizagem, especialmente nas aulas de Educação Física. Nesse contexto, defende-se que é papel do(a) professor(a) de Educação Física promover práticas que possibilitem aos alunos vivenciar e compreender, de modo crítico, inclusivo e respeitoso, os saberes corporais de diferentes culturas.

Conclui-se, assim, que a experiência da 1ª edição dos JIX constituiu-se como um marco histórico para a comunidade da Aldeia Salto Kripre, consolidando-se como um espaço de celebração, resistência, aprendizado e fortalecimento da identidade cultural do povo Xerente.

REFERÊNCIAS

- BANIWA, Gersem José dos Santos. **O índio brasileiro**: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje. Brasília: MEC, 2006.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Narrative Inquiry**: Experience and Story in Qualitative Research. San Francisco: Jossey-Bass, 2011.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia de. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, 2019.
- DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na escola**: implicações para a prática pedagógica. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2018.
- FERREIRA NETO, Carlos Augusto. **Educação Física e diversidade cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- KRENAK, Ailton Alves Lacerda. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KUNZ, Elenor. **Transformação didático-pedagógica do esporte**. Ijuí: Unijuí, 1994
- MELATTI, Julio Cezar. **Índios do Brasil**. 7. ed. Brasília: Ed. UnB, 1993.

PEREIRA, Arliene Stephanie Menezes. **Práticas corporais indígenas**: jogos, brincadeiras e lutas para implementação da lei 11.645/08 na Educação Física escolar. Fortaleza: Aliás, 2021.

SILVA; Beatriz Barbosa; GONÇALVES, Claudio Ubiratan. Descolonizar e compreender a questão indígena como aporte aos estudos geográficos. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 6, n. 2, 2017.

SILVA, Jerônimo da Silva e; POSSAS, Hiran de Moura. Artes do correr em paisagens da mata: A Corrida de Tora entre povos indígenas da Terra Indígena Mãe Maria, Pará. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, 2016.

SILVA, Wellington Ferreira da. **Práticas corporais indígenas e resistência cultural no Brasil**. Brasília: Funai, 2020.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias**: pesquisa e povos indígenas. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris: UNESCO, 2003.

VINHA, Marina. Tradição recentemente inventada: terras indígenas e jogo “cabo de guerra”. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA, 17., 2004, Campinas. **Anais...** Campinas: Anpuh/Spunicamp, 2004. Cd-Rom.